

# A leitura do mundo

Artur de Vargas Giorgi<sup>1</sup>

277

1. A leitura do mundo é também a-leitura do mundo. Talvez sempre tenha sido assim: estar no mundo é ler o *mundo*, quer dizer, é lidar não com a letra, mas, antes de tudo, com a oferta e a esquivia de um sentido que se estende, uma e outra vez, a partir de uma miríade de coisas. E o que são as coisas? O que essas diversas cifras nos dizem? O que significa estar aqui e habitar este mundo entre elas e os inumeráveis outros que interrogam e interrogam, em tentativa de decifração? O mundo dos homens – a humanidade, claro está – é, do modo mais elementar, o mundo da leitura, e tudo enfim é legível na medida em que, ao redor, o sentido das coisas não cessa de ser colocado em questão, sendo solicitado ou atribuído, construído ou intuído, proposto ou imposto, partilhado ou partido, de maneira constante. Assim, todos leem e, queiram ou não, colocam suas leituras do mundo em jogo, às vezes no limite último da vida e da morte; e sabemos que, seja como for, não há saída senão continuar lendo, o que significa, afinal, que ninguém sabe, mesmo, ler<sup>2</sup>.

Nesse mundo repleto de coisas, de alteridades e da voracidade leitora que nos une-e-separa seria um equívoco, portanto, acreditar que tudo é feito à nossa imagem e semelhança. Quem sabe seja mais preciso o inverso: talvez a humanidade, em sua extrema plasticidade, tenha sido o efeito ou o produto, ou ainda, a obra possível do mundo das coisas, como impressão –

---

<sup>1</sup> Doutor em Literatura (UFSC/CNPq). Professor de Teoria Literária da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, Brasil. ORCID: <<https://orcid.org/0000-0003-0942-2595>>.

<sup>2</sup> Christian Prigent: “Como todo mundo humano, porém mais, talvez, do que qualquer outro, nosso mundo é um mundo em falta de sentido. A demanda de sentido é nele, portanto, ainda mais feroz” (Prigent, 2017, p. 11). Cf. Peter Sloterdijk, *Venir al mundo, venir al lenguaje* (1988).

nos corpos, nos hábitos, na linguagem – do modo como elas nos interpelam, e a elas respondemos, por meio de um princípio mimético que não raro opera de maneira involuntária<sup>3</sup>. São as coisas engendradas e as autoengendradas, as coisas técnicas e as naturais, as palpáveis e as impalpáveis que seguem encaminhando, no silêncio de uma língua equívoca, as imemoriais demandas para uma performatividade leitora com a qual a humanidade se codifica e se realiza, mas de acordo com um fim que não se encontra na estabilização de uma forma sua, uma forma própria, e sim no próprio processo da metamorfose, como uma tradução vicária, sem termo, dessa mensagem ilegível.

278

Essa performatividade leitora se mostra em distintos meios e modos, sendo a sua expressão mais complexa aquela que nomeamos, tantas vezes, elogiosa ou criticamente, como cultura. Do culto dos mortos à ocupação colonizadora de um espaço e às diversas formas de cultivo (do solo, do corpo, do espírito), cultural é o enlace que se reafirma no tempo, decantando um sentido que não é simplesmente a suposta continuidade gerativa da natureza (reprodução), assim como não é inteiramente a redundância artificiosa da técnica (produção), mas que em suma advém de uma leitura compartilhada – por afinidade ou por violência – que responde ao enigma das coisas<sup>4</sup>. A cultura cingiria desse modo, por acúmulos e rupturas, concessões e disputas, as iniciativas leitoras do mundo, sobretudo aquelas mais firmemente codificadas em um espaço-tempo: os mitos, os ritos, os hábitos, as leis que condicionam os protocolos de interpretação do eloquente enigma das coisas ao redor.

---

<sup>3</sup> O pensamento de Walter Benjamin sobre a faculdade mimética da linguagem é aqui decisivo. No caso, afirma o autor que “os episódios cotidianos” nos quais os homens “percebem conscientemente as semelhanças são apenas uma pequena fração dos inúmeros casos em que a semelhança os determina, sem que eles tenham disso consciência” (Benjamin, 1994, p. 109).

<sup>4</sup> A cultura não é o mero oposto da natureza. A relação é mais complexa: cultura, cultivo, culto, colônia e colonização são termos que participam de um mesmo campo semântico, como nos mostra Alfredo Bosi (1992). Terry Eagleton, por sua vez, escreve: “A ideia de cultura, então, significa uma dupla recusa: do determinismo orgânico, por um lado, e da autonomia do espírito, por outro. É uma rejeição tanto do naturalismo como do idealismo, insistindo, contra o primeiro, que existe algo na natureza que a excede e a anula, e, contra o idealismo, que mesmo o mais nobre agir humano tem suas raízes humildes em nossa biologia e no ambiente natural” (Eagleton, 2011, p. 14).

Para alguns, tais normativas culturais – se assim pudermos dizer – pareceriam ser reproduções de um imperativo, decorrências ou mesmo decalques da verdade que nos chega por intermédio de uma leitura sem resto, sem equívoco, performada por tais sujeitos, como autoritários senhores do sentido e do mundo sensível. No entanto, ampliando a ressonância já difusa das coisas ditas, mas a rigor não compreendidas, de fato produzem, essas leis com arrogante pretensão fundadora, uma tagarelice que se redobra sobre o mundo, em respostas e contrarrespostas, em alianças e dissensos, em asserções e hesitações sem fim, afastando ainda mais a humanidade do sentido – o primeiro, o último – que somente pode ser lido, no horizonte deste mundo ruidoso, pela inscrição da sua ausência.

279

Assim, a presença opaca e murmurante das coisas nos informa continuamente daquilo que nomearíamos como “nosso desamparo estruturante”. Em outras palavras, nos lança em uma busca dialógica ininterrupta, sempre desejanste do sentido que advém do exterior, com os outros, com as coisas; uma busca assim marcada pelo erotismo, mas que não é de todo apaziguável, já que, sofrendo enfrentamentos constantes, externos e internos, não alcança nem sua origem, nem sua síntese – o encontro narcísico com a coisa em si. Ler, então, é percorrer essa busca, uma sina lançada, *in medias res*, entre a criação e a crise, entre o enlace e a ruptura, condição que igualmente poderia a ser chamada de existência, algumas vezes, ou de poesia, em outras.

2. A leitura do mundo, em princípio livre da letra (do *logos*), deambula sobre a paisagem, até onde é possível<sup>5</sup>. Nesse movimento, cria analogias, comparações, contrastes inauditos; vê, num relance, quase inadvertidamente, animais nas formas das nuvens ou da areia, deuses no recorte das montanhas ou no curso dos rios, desígnios no contorno das estrelas<sup>6</sup>. E, sobretudo em seu horizonte mais extremo, dirigida ao cosmos, a

<sup>5</sup> Michel Collot ensaia a leitura e a escrita da poesia em uma direção parecida. Cf., por exemplo, o breve ensaio “O sujeito lírico fora de si” (Collot, 2004), sobre Rimbaud e Ponge.

<sup>6</sup> Benjamin escreve: “O dom de ser semelhante, do qual dispomos, nada mais é que um fraco resíduo da violenta compulsão, a que estava sujeito o homem, de tornar-se semelhante e de agir segundo a lei da semelhança. E a faculdade extinta de tornar-se semelhante ia

leitura do mundo envolve a sideração: ao leitor, nesse caso, cabe colocar-se sob o signo dos astros, estando aberto, inclusive, ao mau presságio, ao infortúnio, à queda, enfim, ao desastre. No entanto, a leitura do cosmos, como qualquer leitura do que se estenderia aos nossos sentidos como natureza – os ciclos, os elementos, os excrementos dos animais, suas vísceras etc. –, em suma, a leitura é desde sempre, como já sabemos, cosmética: trata-se de reconhecer e de ordenar, no plano humano, os sinais que indicam a continuidade da ordem cósmica e seu equilíbrio, o que implica saber valer-se dos paramentos necessários para cada evento, das palavras ou dos cantos condizentes com cada situação, dos gestos ou ofertas destinados às consagrações etc. Que o padrão relacional desse artifício mimético, mesmo quando prescritivo, não garanta, sobre a terra, a efetiva continuidade do que se escreve nas estrelas, enfim, isso só faz reforçar a aporia que nos mantém entre a leitura e a-leitura do mundo<sup>7</sup>.

280

De todo modo, como nas demais performances de leitura, a paisagem submetida à tradução sofre, em cada caso, intervenções mais ou menos drásticas. Afinal, o gesto leitor mais elementar é sempre o corte: o olho, a mão, o corpo enquadra e assim separa de um continuum o que é colocado em questão. Sem modulação, isto é, sem ritmo, sem inspirar e expirar, uma voz não erige palavra na ecolalia do mundo; sem seleção de sons, de tons e de pausas uma língua não difere as línguas; sem o desaparecimento do balbucio indistinto do infante, um ser falante não pode emergir na língua, assim como sem a imposição ou a decisão sobre os marcos, os tempos e as situações, o caminho e o deserto se confundem, conduzindo ao ermo<sup>8</sup>. Nesse sentido, a leitura é uma espécie de montagem cênica, a construção de uma miragem do mundo, das coisas, dos outros; não

---

muito além do estreito universo em que hoje podemos ainda ver as semelhanças. Foi a semelhança que permitiu, há milênios, que a posição dos astros produzisse efeitos sobre a existência humana no instante do nascimento” (Benjamin, 1994, p. 113).

<sup>7</sup> Como nos lembra Bertrand Prévost, *kósmos* é o termo grego para o ordenamento do mundo; e também o que se refere ao ornamento do corpo e ao paramento; assim como remete ao equipamento de guerra, ao preparo do corpo morto etc. Do “cósmico à cosmética, é uma mesma ordem que se estende a todas as escalas, das esferas celestes até as menores pérolas de um colar, das trajetórias astrais até a regularidade das estrias deixadas pela passagem do pente nos cabelos. Temos aí, decerto, aquilo que, dos gregos até nós, trabalha em profundidade toda ideia de cosmética” (Prévost, 2015, p. 23).

<sup>8</sup> Cf. Daniel Heller-Roazen, *Ecolalias* (2010).

um espelhamento, mas sim uma especulação, essa frágil miragem é, contudo, tudo o que temos – à mão, diante dos olhos, vibrando na voz e no corpo, é o que miramos, sempre que, lendo os endereçamentos do mundo, nos encaminhamos ao próximo passo.

A leitura não deixa de ser seletiva, portanto. Amplos panoramas são esburacados, descontinuados pelo próprio contorno que damos ao que tentamos apreender. Por um lado, no espaço-tempo selecionado, inscrevemos algo: o desenho – palavra, imagem – que articula uma coisa, um corpo, um sentido que, não obstante, como já dito, não cessa de fazer recuar a *coisa em si*, coisa que desta forma nos escapa, para além ou aquém do desígnio desse desenho, restando inscrita a impossibilidade da sua inscrição. Por outro, ao redor desses contornos delineiam-se zonas de sombra, de trânsitos ou limites indefinidos, às vezes quase como borrões de cores mais ou menos contíguos, de formas mais ou menos informes, de sensações e afetos brumosos, mas sempre de acordo com o funcionamento mesmo da visão, quer dizer, como a operação própria do olhar.

281

Com efeito, bastaria *ver como vemos*: pois o entorno, ao afastar-se do ponto focal do olhar, tende cada vez mais ao ilegível<sup>9</sup>. O problema das convenções da representação, em termos políticos e poéticos, pelo menos desde o chamado nascimento da democracia no mundo antigo, também se situa aí, nesse paradoxo do olhar: são as vias da representação efetivamente capazes de dar a ler a pluralidade, cada vez mais heterogênea, das singularidades do mundo?<sup>10</sup> Ou ainda: o entendimento da leitura de acordo com a lógica da representação – como delegação de poder ou reposição suplementária da presença de um referente, por meio da linguagem – de fato traduz o que está em jogo em cada performance leitora, em cada existência?

---

<sup>9</sup> Talvez ninguém tenha explicitado melhor essa condição – o ver como vemos, em que a leitura e a-leitura coincidem – do que Claudio Edinger, através de suas fotografias feitas com foco seletivo, nas quais o foco e o desfoque compõem um campo de visão diferencial, de múltiplas dimensões. Cf. Claudio Edinger, *O paradoxo do olhar* (2014); Artur de Vargas Giorgi, “Claudio Edinger: ética do olhar” (2024). De resto, o mesmo poderia ser pensado para os sentidos da audição ou do tato: afinal, parece que sentimos pontualmente, sempre.

<sup>10</sup> O problema remonta a Platão, é claro. Cf. Jacques Rancière, *O desentendimento* (1996).

Não confundiria essa vontade de representação duas coisas radicalmente distintas, a saber: *a coisa ausente e a ausência da coisa?*

3. Considerar a faculdade mimética em operação na leitura do mundo pode auxiliar nessa diferenciação. O mimetismo não se reduz à imitação das semelhanças mais imediatas, sensíveis ou materiais, perceptíveis entre as formas. Para além dessas semelhanças, a faculdade mimética faz a mediação das afinidades extrassensíveis, ou imateriais, como por exemplo aquelas que podem ser lidas entre o desenho e o desígnio das palavras, quando destacamos o desdobramento, a hesitação, a descontinuidade entre essas duas camadas<sup>11</sup>. Entre o escrito/falado e o significado pretendido/comunicado, o que se manifesta é a dimensão da coisa ausente, com a qual o leitor se compromete – em termos poéticos e éticos – em sua performance, já que deve fazer-se responsável pela leitura que arma e atualiza, em uma situação específica, a relação entre duas instâncias que não têm, *a priori*, relação. É justamente esse desdobramento decisivo – e a relevância da mediação leitora – que em geral vemos ser desconsiderado ou mesmo obliterado quando opera a concepção da linguagem como sistema de signos convencionados, em que o signo, demarcado pela unidade significante-significado (desenho-desígnio), surge como presentificação do referente, isto é, como representante na ausência da coisa.

282

No primeiro caso, a leitura do mundo se depara com o impasse da simbolização: *a coisa* não pode ser pressuposta; seu sentido, sua identidade, sua natureza são a rigor irrepresentáveis, já que, por meio da leitura, ou através da linguagem, o que alcançamos é a exposição de uma impropriedade fundamental, que toca o próprio referente, a coisa ausente. A leitura não encontra a coincidência da coisa em si mesma, assim como o meio utilizado para a leitura emerge cindido, unido-em-separação. Mas é exatamente aí que trabalha o fazer da poesia, ou a poesia como fazer: como performatividade à qual se deve sempre retornar. A leitura do mundo surge como um trabalho de elaboração, de criação, de produção, trabalho que

---

<sup>11</sup> Cf. Paul Valéry, Lições de poética (2018, p. 19-50).

confere a cada performance uma responsabilidade inalienável diante das coisas, dos outros, se o que está em jogo é o enlace de visões de mundo e de formas de vida que possam ser vividas em comum.

Já no segundo caso, a representação pareceria assegurada por efeito de uma leitura que projeta uma dupla ilusão: a da identidade do referente, que pode ser presentificada sem diferença, mesmo na ausência da coisa, pela suposta coincidência do referente com a linguagem que o evoca; e também a ilusão da unidade, nessa linguagem como signo, entre o sensível e o sentido, o desenho e o desígnio. Como se houvesse, no vão dos nomes, e no hiato entre as palavras e as coisas, uma continuidade pré-determinada por uma sorte de lastro ontológico, em vez de um investimento mágico, espiritual, energético, afetivo: um investimento extrassensível ou imaterial que elabora, ele mesmo, ao ser sempre repostado, um enlace situado de afinidades, com o qual surgem os traços de um reconhecimento, de uma semelhança.

283

Valeria frisar o aspecto político que se delineia aqui: tal como descrita, não estaria a leitura tributária da representação, em razão de sua lógica positiva, arriscada à reprodução do que se concebe como já dado, pressuposto em sua própria identidade? E não seria desse modo a representação, ainda que à revelia de suas defesas, uma forma de funcionamento da lógica reguladora do mundo, isto é, uma repetição do ordenamento que consome a todos, ao transformar também a reivindicação identitária – suas pautas, consignas, ideais – em mercadoria, em dados? Agora, de outro modo, a concepção segundo a qual a leitura do mundo é também, sempre, a-leitura do mundo não resistiria à reposição irrefletida dessa lógica especular? Especulando sobre as coisas como coisas ausentes, não encaminharia essa leitura a apresentação de singularidades irrepresentáveis, de mundos e sentidos inauditos, tratando-se, portanto, de uma leitura não meramente reprodutora do já dado, mas, no limite, produtora do impensável, do impossível? E não reconheceríamos nessa operação, precisamente, o ponto de convergência entre poética, política e

ética, ponto onde se joga a exigência última de uma leitura do mundo, hoje?<sup>12</sup>

4. Talvez o impasse, já apontado há mais de um século, derive do fato de que, na modernidade, a cultura tenha consumado seu aspecto verdadeiramente trágico<sup>13</sup>. As coisas do mundo, mesmo as naturais e as imateriais, foram cada vez mais integradas ao humano mundo das coisas, convertidas em objetos culturais: objetos com os quais os sujeitos se relacionam dialeticamente, em um processo de leitura e projeção de sentidos, de interiorização e exteriorização de sua vida espiritual. Mas esse processo de culto e de cultivo, que deveria tender, em sua síntese, para uma atualização das mais extensas potencialidades dos sujeitos, na verdade termina por sufocar a própria possibilidade da cultura como processo de formação espiritual, em razão da avassaladora proliferação dos próprios objetos, colonizados, digamos, pela mecânica expansionista da produção. Desdobrada de uma divisão instrumental do trabalho que dá autonomia ao objeto técnico como fim, não como meio, o *logos* da objetificação moderna faz com que sua necessidade de proliferação siga indiferente às reais necessidades e possibilidades de assimilação dos sujeitos, indiferente às afinidades formadoras do espírito.

284

De gesto elementar na leitura do mundo – articulador da faculdade mimética e do reconhecimento das afinidades extrassensíveis –, o corte passa ser a linguagem, ou melhor, o vocabulário mínimo da reprodução mecânica do mesmo. Não à toa, ao menos desde o romantismo, a fragmentação foi pensada como uma sorte de princípio que uniria o Ocidente num mundo sem todo<sup>14</sup>. Infinitas coisas, desdobradas de si mesmas, assediam sujeitos finitos. Mas nunca foram tão silenciosas, tão vazias, tão idênticas as coisas, muito embora, por um artifício cosmético já conhecido, elas se apresentem como se dotadas de um sentido pleno e

---

<sup>12</sup> As menções seriam inúmeras a esse respeito. Limito-me a apontar as distintas abordagens do problema em Michel Butor, *Repertório* (1974); Christian Prigent, *Para que poetas ainda?* (2017); Alain Badiou, *Em busca do real perdido* (2017).

<sup>13</sup> O argumento é de Georg Simmel, em “O conceito e a tragédia da cultura” (2020), de 1918.

<sup>14</sup> Cf. Friedrich Schlegel, *O dialeto dos fragmentos* (1997).

incomparável, sentido que não pode ser objetado e que deve, aliás, ser lido e relido, religiosamente, em uma observância escrupulosa, e no entanto anestésica, de seu suposto caráter transcendente<sup>15</sup>. Dessa maneira, nem insignificantes, nem significativas, tais coisas não deixam de mobilizar a leitura de sujeitos igualmente coisificados e cada vez mais identificados entre si pelo vertiginoso processo de reprodução dessa condição acachapante. Desastrosa, trágica é a cultura moderna porque a decadência e a violência que ela gera são efeitos de um racionalismo desarrazoado que lhe é imanente (lemos aqui o pressuposto que não dissocia, afinal, a cultura ocidental da colonização do mundo)<sup>16</sup>. Os paramentos, as palavras, os gestos, os ritos – as performances, que outrora sustentavam a miragem compartilhada de uma ligação com os astros, redobram-se sobre si mesmas, como fórmulas profanas que já não parecem ser propriamente lidas, mas apenas repetidas, como sintomas de uma afasia generalizada.

285

Com isso, pareceria que, na modernidade ocidental, a leitura mais que nunca confina com a-leitura do mundo. E, no entanto, talvez mais que nunca tenha sido comprometida a leitura das afinidades e das semelhanças extrassensíveis. Pois a bem-sucedida conversão do mundo em mercadoria repousa em uma capacidade maquínica, exacerbada na modernidade, que é a de reduzir a faculdade mimética da leitura às semelhanças mais imediatas e explícitas, às formas que, afinal, podem ser previstas, feitas para esse reconhecimento. É própria do capitalismo essa operação que domestica a resistência da coisa ausente. Diante da falta de um significado positivo, cada coisa é antevista a partir de uma forma, um molde, clichê disponível para a atribuição de novos conteúdos: como novas identidades que são reproduzidas em série e podem ser infinitamente representadas – pelo próprio molde que as precede. São as identidades-tipo: estereótipos como os líderes políticos, as estrelas de cinema, os esportistas, os aventureiros, os homens de negócios, os pais de família, as donas de casa, os artistas boêmios, todo o catálogo do *marketing* e das ideologias racistas, sexistas,

---

<sup>15</sup> Cf. Walter Benjamin, *O capitalismo como religião* (2013).

<sup>16</sup> Cf. Aimé Césaire, *Discurso sobre o colonialismo* (1978).

classistas (etc.) que responde à mecânica demanda da coisificação exaustiva do mundo.

Couberam às artes alguns dos registros mais tensos dessa condição moderna, algumas das buscas mais extremadas, talvez, de elaboração de tal aporia. Essas tentativas constituem o que hoje, paradoxalmente, pode ser lido como uma tradição: aquela que se posicionou, ao mesmo tempo, *com* e *contra* a modernidade, em leituras que não se esquivaram de apontar o vazio do mundo moderno e a exigência de superá-lo, não por meio de um nostálgico regresso a um passado pleno de sentido, nem pela atribuição de um sentido último destinado ao porvir: mas pela radical experimentação da coisa ausente, através de uma exigente experimentação com a linguagem; pela insistência em um trabalho espiritual que envolve um sujeito nunca idêntico a si mesmo ou às coisas, ou seja, no espaço-tempo em que a leitura dá contorno para a-leitura do mundo, derivando daí os enlaces, as semelhanças, as afinidades disruptivas que a crítica e a criação puderam apresentar como resposta para a crise moderna<sup>17</sup>.

286

5. Hoje, leituras imprescindíveis coincidem em um aspecto: elas intervêm na paisagem de leituras já dada, demarcando no horizonte do possível suas posições, suas cenas, seus muitos motivos e modos de enfrentamento à modernidade ocidental. Tais posições, com as quais se colocam, talvez, as linhas decisivas para uma leitura do mundo realmente vitalista, poderiam ser definidas, em geral, por uma relação de exterioridade ao Ocidente. São visões de mundo, do cosmos, das coisas que não se ajustam ao quadro moderno do capitalismo, ou seja, são leituras não *do* mundo, mas de mundos outros em que os valores do Ocidente apenas fazem sentido se impostos, como violência: mundos nos quais – por exemplo – a funcionalidade das distinções entre arte, religião e política, ou entre natureza e cultura, corpo e alma, sujeito e objeto (etc.), não são operantes e, a rigor,

---

<sup>17</sup> Kafka formulou em um aforismo lapidar: “Ainda nos impõem fazer o que é negativo; o positivo já nos foi dado” (Kafka, 2012, p. 32). E enlaçariam essa extensa tradição disruptiva escritores como Baudelaire, Rimbaud, Poe, Dostoievski, Whitman, Darío, Jarry, Pirandello, Ponge, Murilo Mendes, Clarice Lispector, Beckett, Macedonio Fernández etc.

não fazem sentido<sup>18</sup>. Essa posição de exterioridade, crucial no dissenso apresentado, é reforçada como estratégia: trata-se de agir de fora para dentro; de resistir, fora da máquina de exploração do mundo, aos seus efeitos de tipificação e mercantilização da vida.

A faculdade mimética da linguagem é, nessas leituras, altamente produtiva<sup>19</sup>. Em termos de crítica e de criação, ela responde à crise do mundo moderno intensificando o trabalho das semelhanças extrassensíveis, isto é, reforçando a potência e a pregnância das afinidades que, mediadas pela linguagem, podem ser estabelecidas entre as mais distintas coisas do mundo. Não raro, aliás, a-leitura do mundo, nessas leituras, traduz-se nos termos do sagrado, cujo acesso – codificado em performances que enlaçam o mundo, os outros e as coisas ao redor – não pode ser franqueado, mesmo nas mais importantes negociações com o mundo ocidental. Seja como for, é um investimento *poético*<sup>20</sup> – ligado ao mágico, ao espiritual, ao energético, ao afetivo – que formula as afinidades que são colocadas em jogo em cada situação: o *efeito produtivo* das semelhanças é mais importante do que o valor formal ou representativo. A imitação do canto de um pássaro importa porque, emulando-o, o cantor o chama, o seduz, preparando o animal para a captura, assim como uma cobra constritora fornece o princípio operatório da produção de mandioca, seguido pela prensa que *imita seu funcionamento, mas não sua imagem*<sup>21</sup>. A faculdade mimética não opera como reprodução, em uma obra-signo, de um referente já dado, da *coisa em si*, mas sim como *produção* de uma singularidade, enquanto semelhança extrassensível que se integra ao ambiente pela performance da leitura. Assemelhar-se ao mundo não significa, portanto, repor a presença do “original”, em observância ao

287

<sup>18</sup> A referência é abrangente, e arriscada por isso, mas busca o que parece ser compartilhado em cosmovisões indígenas, pensamentos afrodiáspóricos, formas de vida do chamado sul global – em zonas de saber que o suposto universalismo do Ocidente condenou ou à submissão ou à inexistência.

<sup>19</sup> Cf. Artur de Vargas Giorgi, “A virada ecológica: entre a mimese e o mimetismo” (2021).

<sup>20</sup> Tratando-se de tais leituras, a noção do poético deve ser lida como um termo vicário, ou mais provavelmente impróprio.

<sup>21</sup> “Entre os Wayana, o tipiti, prensa de mandioca, é uma cobra constritora, pois constringe como a cobra. No entanto, ele não possui cabeça nem rabo, para não se tornar um ser independente que devora humanos. O tipiti é um artefato que compartilha com a cobra a capacidade agentiva de constringir e é isto que se quer fazer com a mandioca” (Lagrou, 2010, p. 18). O que os artefatos imitam, portanto, “é muito mais a capacidade dos ancestrais ou outros seres de produzirem efeitos no mundo do que sua imagem” (Lagrou, 2010, p. 18).

predicado do modelo: o que está em jogo é o enlace espiritual com o entorno, forma de organização de uma vida em comum.

Não obstante, essa posição é reivindicada, por essas mesmas leituras, pela via do reforço identitário e pela valorização da representatividade de suas particularidades em instâncias culturais, políticas e econômicas do mundo ocidental, com isso ativando todo um circuito que tem suas disciplinas, seu vocabulário, seus especialistas, seu público, seu campo de ressonância, finalmente, sem dúvida, também seu mercado. Nessas instâncias, a ancoragem referencial – com a qual signos expressam e presentificam as coisas em sua ausência – parece ser igualmente enfatizada por sua importância política. Assim, em assembleias, exposições, publicações, feiras, cursos, redes sociais privadas, canais institucionais (etc.), essas leituras parecem repor um impasse: por um lado, apresentam rigorosas formas de resistência à redução instrumental das leituras do mundo, recolocando um gesto produtivo – gesto que não desdenha *fazer o que é negativo*, o que se inscreve como ilegível – muito caro à tradição que, de dentro da modernidade ocidental, endereçou-lhe as formas mais disruptivas de crítica e de criação; e, no entanto, ao reivindicarem sua posição de exterioridade, apostam nos dispositivos da identidade e da representação como meios que supostamente garantiriam suas presenças e suas pautas revolucionárias no interior do mundo ocidental.

288

Seria, de fato, a recorrência a esses dispositivos o caminho mais efetivo para a valorização – poética, ética, política – das leituras em questão? Se a força do capitalismo contemporâneo, cada vez mais sustentado pelo trabalho imaterial que a sociedade realiza ininterruptamente, é tal que coloniza e transforma em mercadoria até mesmo as formas de vida mais singulares, as subjetividades mais fluidas, as emoções, os sonhos, os hábitos, os desejos<sup>22</sup> – enfim, se essa é a frente de batalha que ora se desenha entre a leitura e a-leitura do mundo, recorrer à representação e ao fechamento identitário não seria seguir o funcionamento do mecanismo de

---

<sup>22</sup> Cf. Peter Pál Pelbart, *A vertigem por um fio* (2000).

captura que é inerente ao capitalismo? Essas dúvidas e inquietações, aqui meramente esboçadas, não constituem a devida especulação que o problema exige; mas poderiam, quem sabe, somar-se às discussões que hoje projetam as possibilidades de uma vida em comum não na reestruturação interna do mundo já dado, mas na elaboração do que se apresenta como impossível, como irrepresentável, ou seja, nas performances capazes de dar contorno à coisa ausente: aos furos, às faltas, em suma, ao fora do capitalismo, uma e outra vez.

### Referências

BADIOU, Alain. Em busca do real perdido. Trad.: Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

BENJAMIN, Walter. “A doutrina das semelhanças”. In: BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política. 7. ed. Trad.: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994, p. 108-113.

BENJAMIN, Walter. O capitalismo como religião. Org.: Michael Löwy. Trad.: Nélio Schneider, Renato Ribeiro Pompeu. São Paulo: Boitempo, 2013.

289

BOSI, Alfredo. Dialética da colonização. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BUTOR, Michel. Repertório. Trad.: L. Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 1974.

CÉSAIRE, Aimé. Discurso sobre o colonialismo. Trad.: Noémia de Sousa. Lisboa: Sá da Costa, 1978.

COLLOT, Michel. “O sujeito lírico fora de si”. Terceira Margem. Trad.: Alberto Pucheu, ano IX, n 11, 2004, pp. 165-179.

EAGLETON, Terry. A ideia de cultura. Trad.: Sandra Castello Branco. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

EDINGER, Claudio. O paradoxo do olhar. São Paulo: Estúdio Madalena, 2014.

GIORGI, Artur de Vargas. Claudio Edinger: ética do olhar. Revista DASartes [online], Rio de Janeiro, s/n, s/p, 2024. Disponível em: <https://dasartes.com.br/colunas/alto-falante/claudio-edinger-etica-do-olhar/>. Acesso: 02 jun. 2025.

GIORGI, Artur de Vargas. A virada ecológica. Revista Movimento [online], São Paulo, s/n, s/p, 2021. Disponível em: <https://movimentorevista.com.br/2021/12/a-virada-ecologica-entre-a-mimese-e-o-mimetismo/>. Acesso: 02 jun. 2025.

KAFKA, Franz. Aforismos reunidos. Introdução e tradução de Modesto Carone. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2012.

LAGROU, Els. “Arte ou artefato? Agência e significado nas artes indígenas”. Revista Proa, n. 2, vol. 01, 2010, pp. 01-26.

HELLER-ROAZEN, Daniel. Ecolalias: sobre o esquecimento das línguas. Trad.: Fabio Akcelrud Durão. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

PELBART, Peter Pál. A vertigem por um fio. Políticas da subjetividade contemporânea. São Paulo: Iluminuras, 2000.

PRÉVOST, Bertrand. “Cósmica cosmética. Por uma cosmologia do paramento”. Revista species, ano 1, n. 1, p. 21-44, nov. 2015.

PRIGENT, Christian. Para que poetas ainda? Trad.: Inês Oseki-Dépré e Marcelo Jacques de Moraes. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2017.

RANCIÈRE, Jacques. O desentendimento: política e filosofia. Trad.: Ângela Leite Lopes. São Paulo: Editora 34, 1996.

SCHLEGEL, Friedrich. O dialeto dos fragmentos. Trad.: Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1997.

SIMMEL, Georg. Cultura filosófica [1918]. Trad.: Lenin Bicudo Bárbara. São Paulo: Editora 34, 2020.

SLOTERDIJK, Peter. Venir al mundo, venir al lenguaje: lecciones de Frankfurt (1988). Trad.: Germán Cano. Valencia: Pre-Textos, 2006.

VALÉRY, Paul. Lições de poética. Trad.: Pedro Sette-Câmara. Belo Horizonte: Âyiné, 2018.

**Resumo:** O ensaio propõe uma noção expandida de leitura, compreendida não apenas como meio de decodificação da linguagem, mas sobretudo como a condição mais básica do devir humano, mediadora da relação dos sujeitos com o mundo. A leitura é assim tensionada por um sentido inesgotável, sujeito às mais variadas disputas e performances. O horizonte da discussão é, portanto, político e coloca em jogo o que entendemos por representação e representatividade, conceitos que contemporaneamente encontraram reforço nos contextos das lutas identitárias.

**Palavras-chave:** leitura; ausência; representação; mimetismo.

**Abstract:** The essay proposes an expanded notion of reading, understood not only as a means of decoding language, but above all as the most basic condition of human becoming, mediating the relationship between subjects and the world. Reading is thus tensioned by an inexhaustible meaning, subject to the most varied disputes and performances. The horizon of the discussion is, therefore, political and puts into play what we understand by

representation and representativeness, concepts that have currently found reinforcement in the contexts of identity struggles.

**Keywords:** reading; absence; representation; mimicry.